



UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA SISTEMÁTICA ACERCA DO DESEJO DE VIVER E AGIR POR VIRTUDE NA ÉTICA DE BENEDICTUS DE SPINOZA

Viviane Silveira Machado*

Resumo:

Ao investigar filosoficamente a natureza humana, em sua *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*, Benedictus de Spinoza (1632-1677), pensador holandês seiscentista, infere que há um esforço (*conatus*) inerente ao indivíduo que o faz perseverar em sua existência. No entanto, na medida em que somos afetados por causas externas não compreendidas ocorrem em nosso modo de ser várias mudanças. E, isso influencia ou prejudica o desejo de viver e agir por virtude. Diante disso, o presente artigo traz uma abordagem filosófica sistemática para demonstrar que o desejo de viver e agir por virtude na obra supracitada advém de uma ética baseada em ideias e causas adequadas. Conclui-se que esse modo conduz a sociedade a uma liberdade por livre necessidade.

Palavras-Chave: Causa adequada, Ideia adequada, Desejo, Spinoza, Virtude.

UNE APPROCHE PHILOSOPHIQUE SYSTÉMATIQUE DU DÉSIR DE VIVRE ET D'AGIR PAR LA VERTU DANS L'ÉTHIQUE DE BENEDICTUS DE SPINOZA

Résumé:

Benedictus de Spinoza (1632-1677), penseur hollandais du XVII^e siècle, étudie philosophiquement la nature humaine et en déduit dans son *Ethica Ordine Geographico Demonstrata* qu'il existe un effort (*conatus*) inhérent à l'individu qui le fait persévérer dans son existence. Cependant, comme nous sommes affectés par des causes extérieures que nous ne comprenons pas, plusieurs changements surviennent dans notre façon d'être. Et cela influence ou nuit au désir de vivre et d'agir selon la vertu. Dans cette optique, cet article apporte une approche philosophique systématique pour démontrer que le désir de vivre et d'agir selon la vertu dans l'ouvrage susmentionné vient d'une éthique fondée sur des idées et des causes appropriées. On conclut que cette voie conduit la société à une liberté par libre nécessité.

Mots-clés: Cause adéquate, Idée adéquate, Désir, Spinoza, Vertu.

* Doutoranda em Filosofia (UFC). Bolsista FUNCAP. Cursando segunda licenciatura em História (FAVENI). Mestra em Filosofia (UFC). Licenciada em Filosofia (UECE). Membro do GT Benedictus de Spinoza desde 2017. Interesses nas áreas de Política, Ética e Educação em Spinoza. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7640-7112>. Email: vivianemachado10@gmail.com



INTRODUÇÃO

De acordo com a obra¹⁶⁸ maior de Spinoza, a saber, *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*¹⁶⁹, o entendimento das ideias adequadas e das causas adequadas são pontos cardeais para que possamos fruir uma vida melhor, isto é, mais ativa e potente. E, a partir disso, manter com a devida segurança a liberdade necessária de nosso ser e poder-ser. Inclusive, para o autor, essa liberdade consiste, sobretudo, em uma livre necessidade. Essa livre necessidade, por sua vez, traz como efeito o desejo de viver e agir por virtude. Ela é também um autodeterminar-se. Conforme seus esclarecimentos filosóficos, enquanto estamos sob a condução da razão podemos convir em natureza com os demais indivíduos em sociedade. E, por livre necessidade somos determinados a agir e poder-ser causa adequada. Dessa forma, agimos e vivemos por virtude. Ora, na demonstração da proposição 36 da Parte IV de sua *Ética* o autor cita que “agir por virtude é agir sob a condução da razão”. Mas, por que esse agir está relacionado à ideia adequada que, por sua vez, é consubstanciada à virtude humana? E, além disso, por que segundo Spinoza essa mente é mais potente? Para respondermos essa pergunta observaremos a seguinte demonstração na Parte V da *Ética*. Conforme cita o autor,

age ao máximo a mente cuja maior parte é constituída por ideias adequadas, de maneira que, embora nesta estejam tantas ideias inadequadas quanto naquela, contudo é discernida mais pelas que são atribuídas à virtude humana do que pelas que denunciam a impotência humana¹⁷⁰.

Na verdade, Spinoza esclarece-nos em sua memorável obra magna que a luz da razão, isto é, o pensar claro e distinto, pode nos afastar da servidão e impotência humana. E, que esse afastamento do “asilo da ignorância” nos liberta da servidão e dos preconceitos que formamos diante daquilo que não conhecemos ou compreendemos adequadamente. Diante do exposto, apresentaremos em um primeiro momento como a

¹⁶⁸ Para a citação das obras de Benedictus de Spinoza, utilizaremos as siglas **TTP** para o *Tratado Teológico-Político* e **E** para a *Ética*. Em se tratando das citações referentes às divisões internas do *Tratado Teológico-Político*, utilizaremos algarismos romanos para as grandes divisões (Partes ou Capítulos) e algarismos arábicos para as subdivisões (parágrafos ou outras); já para as citações internas da *Ética*, indicaremos a parte citada em algarismos arábicos, seguida da letra correspondente para indicar as definições (D), axiomas (A), proposições (P), prefácios (Pref), corolários (C) e escólios (S), com seus respectivos números em algarismos arábicos.

¹⁶⁹ Cf. SPINOZA, Benedictus de. *Ethica/Ética*. Edição bilingue Latim-Português. Tradução do Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação de Marilena Chaui. São Paulo: EDUSP, 2015.

¹⁷⁰ E5 P20 S.



tríade (razão, ideias e causas adequadas) proporciona ao entendimento humano uma liberdade enquanto livre necessidade e, ao mesmo tempo, o desejo de viver e agir por virtude. Dessa forma, será possível entender o que sua filosofia prática nos propõe, a saber, que os homens sejam livres segundo os ditames da razão e se esforcem para viver em concórdia. Pois, conforme seus esclarecimentos,

[...] nada é dado de mais útil ao homem, para que conserve seu ser e frua a vida racional, do que o homem conduzido pela razão. Além do mais, já que não encontramos nada, entre as coisas singulares, de mais excelente que o homem conduzido pela razão, por conseguinte, em coisa alguma pode alguém mostrar mais sua destreza no engenho e na arte do que em educar os homens para que vivam por fim sob o império próprio da razão¹⁷¹.

Em suma, o autor da *Ética* conclui que nosso intelecto entende adequadamente tudo que é precedido através da razão. Pois a razão é a virtude de nosso ser e poder ser causa adequada¹⁷². Além disso, o conhecimento adequado da virtude humana conduz o homem ao agir ético. E, embora essa virtude não seja semelhante à virtude judaico-cristã ela certamente é conhecida aos homens através das ideias claras e distintas, isto é, à luz da razão e das ideias adequadas. Talvez, por isso, sua filosofia tenha sido tão combatida em seu tempo¹⁷³. Pois Spinoza denuncia a servidão da virtude e apresenta-nos a virtude que se dá pelo agir virtuoso ou agir ético. Virtude que é o próprio *conatus* do ser, ou seja, é o seu esforço de poder-ser causa adequada. Para Spinoza, entender as verdadeiras causas das coisas através da razão produz em nós como efeito um modo de perseverar no seu existir segundo um modo correto de viver e agir por livre necessidade.

A TRÍADE DA VIRTUDE

¹⁷¹ E4 Cap9.

¹⁷² Para Hadi Rizk (2010), “a inteligência de toda teoria spinozista da virtude desemboca no tema da força de ser. É, antes de tudo, a experiência do corpo como esforço seletivo e desejo racional que torna o Espírito [mente] apto a conhecer a necessidade infinita. [...]” (Rizk, 2010, p. 215). Cf. RIZK, Hadi. **Compreender Spinoza**. Tradução de Jaime A. Clausen. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

¹⁷³ Segundo o cientista político César Benjamim (2014), “de todas as acusações que recebeu, a mais dolorosa foi a de ateísmo, pois era um homem reconhecidamente embriagado pela ideia de Deus. Sempre reiterou que acompanhava as religiões no princípio do amor e da obediência, mas recusava o antropomorfismo das representações humanizadas da divindade” (Benjamin, 2014, p. 9). Cf. BENJAMIN, César. Spinoza: um santo excomungado. In: BENJAMIN, César (org.). **Estudos sobre Spinoza**. Tradução de Eliana Aguiar, Estela dos Santos Abreu e Vera Ribeiro. 1. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.



De acordo com Spinoza, nossa potência de pensar e de agir ocorre simultaneamente. Inclusive, na impotência ou servidão humana isso também se dá na mesma proporção. Sendo assim, o autor conclui que ou agimos ou padecemos de forma simultânea. Por isso, a assertiva e cautela para nos esclarecer que “a ordem e conexão das ideias é a mesma que a ordem e conexões das coisas e, vice-versa, a ordem e conexão das coisas é a mesma que a ordem e conexão das ideias¹⁷⁴”. Ainda de acordo com suas reflexões filosóficas, a capacidade de compreendermos várias coisas ao mesmo tempo aumenta sobremaneira na potência de re-agir, e, de nos reajustarmos internamente diante dos encontros fortuitos que nos afetam e que não podemos evitar. Para Spinoza, é justamente na proporção em que, através da razão e do entendimento podemos compreender adequadamente as leis de Deus. Por isso a necessidade de aperfeiçoar-se, isto é, apreender para entender. Isso ocorre porque segundo o autor, “a mente enquanto raciocina, nada apetece senão entender, e não julga ser-lhe útil senão o que conduz a entender¹⁷⁵”. Em suma, o entendimento é luz para um modo de ser ativo em sua filosofia.

A mente, para Spinoza, quando realiza o processo adequado, isto é, enquanto ato de raciocinar segundo a razão clara e distinta, indubitavelmente, age segundo ideias adequadas¹⁷⁶ e causas adequadas¹⁷⁷. Nesse processo, podemos inclusive apetecer, isto é, desejar viver e agir por virtude. Isso ocorre porque simultaneamente nossa mente também pode realizar o ato de um refletir necessário, ou seja, refletir por livre necessidade. Inclusive compreender a importância de viver e agir por virtude. Para o pensador holandês, o viver e agir por virtude, sobretudo, é o desejar perseverar na existência de um modo certo e adequado buscando o que é verdadeiramente útil à conservação humana. Inclusive, nesse desejar através da livre necessidade “[...] cada um

¹⁷⁴ E5 P1 D.

¹⁷⁵ E4 P27 D.

¹⁷⁶ A definição 4 da Parte II da *Ética* esclarece-nos que a ideia adequada é a ideia “que, enquanto é considerada em si, sem relação ao objeto, tem todas as propriedades ou demonstrações intrínsecas da ideia verdadeira”.

¹⁷⁷ A definição 1 da Parte III da *Ética* esclarece-nos que a causa é adequada quando “o efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. E inadequada ou parcial [...] aquela cujo efeito não pode só por ela ser entendido”.



se esforçará sempre para conservar seu ser e afastar, o quanto pode, a tristeza [...]”¹⁷⁸”. Por isso, em sua *Ética* o fator primordial para a liberdade humana é a condução da razão que nos conduz ao desejo de viver e agir por virtude. Pois segundo Spinoza “o desejo é referido a nós também enquanto entendemos, ou seja, enquanto agimos”¹⁷⁹”. No entanto, é necessário observarmos que “dentre todos os afetos referidos à mente enquanto age, não há nenhum senão os referidos à alegria ou ao Desejo”¹⁸⁰”. Portanto, o agir humano em sua filosofia não devém da tristeza. Inclusive, é através do desejo de conhecer e compreender as verdadeiras causas das coisas que a inteligência e até mesmo a felicidade é desenvolvida e aperfeiçoada.

Conforme o autor nos esclarece, a inteligência é dada a toda vida humana racional. Ela é senão o aperfeiçoamento de nossa potência e virtude. É também o aperfeiçoamento de nossa utilidade para si mesmo e para o outro. É a partir dela que podemos nos esforçar para determinar um modo de ser (viver e agir) adequado. E, por isso, através dessa inteligência que os indivíduos podem buscar o que é útil para a sociedade como um todo. Além do mais, é de grande relevância compreender o sentido de alguns conceitos em sua filosofia. Por exemplo, a Fortaleza (*Fortitudinem*) é dividida em firmeza e generosidade. Para o autor, a fortaleza se constitui de “todas as ações que seguem dos afetos referidos à mente enquanto entende”¹⁸¹”. Por isso, a necessidade de observar com clareza o que se refere à firmeza, que trata “o desejo pelo qual cada um se esforça para conservar o seu ser pelo só ditame da razão”¹⁸²”, e, do que trata a generosidade¹⁸³, que é “[...] o desejo”¹⁸⁴ pelo qual cada um se esforça para favorecer os outros homens e uni-los a si por amizade pelo só ditame da razão”¹⁸⁵”. Sendo assim, é

¹⁷⁸ E3 P44 S.

¹⁷⁹ E3 P58 D.

¹⁸⁰ E3 P59.

¹⁸¹ E3 P59 S.

¹⁸² E3 P59 S.

¹⁸³ Por exemplo, na obra de Marco Túlio Cícero, cujo título é *Da amizade* (2001), o autor cita que, “quando prestamos um serviço ou nos mostramos generosos, não exigimos recompensas, pois um préstimo não é um investimento. [...]” (Cícero, 2001, p. 43). Cf. CÍCERO. M. T. **Da amizade**. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo. Martins Fontes. 2001.

¹⁸⁴ De acordo com André Comte Sponville (2016), “ter-se-á notado que a generosidade é definida como desejo, não como alegria, o que basta para distingui-la do amor, ou como diz também Spinoza, da caridade. [...]” (Sponville, 2016, p. 111). Cf. SPONVILLE, André Comte. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

¹⁸⁵ E3 P59 S.



fundamental compreender seu peculiar sistema filosófico¹⁸⁶. Isso porque, segundo seu pensamento a firmeza e a generosidade são caminhos para compreendermos que “o ódio plenamente vencido pelo amor converte-se em amor; e por causa disso o amor é maior do que se o ódio não o tivesse precedido¹⁸⁷”.

Além do mais, de acordo com o autor, é possível desfrutar de todas as potencialidades de poder-ser causa adequada. Pois ao aperfeiçoar a razão o indivíduo torna-se apto tanto para compreender as mudanças de seu corpo e mente, e, além disso, poder compreender a necessidade de reajustar-se ao que favorece à sua utilidade. Ou seja, ao que contribui para perseverar adequadamente em seu ser. Nosso pensador esclarece que “nenhuma vida racional é sem inteligência e as coisas são boas apenas enquanto favorecem o homem para que frua a vida da mente, que é definida pela inteligência¹⁸⁸”. A seguir, veremos como se dá o desejo que se origina da alegria da razão.

DO DESEJO QUE SE ORIGINA DA ALEGRIA DA RAZÃO

No capítulo 5 da Parte IV da *Ética* Spinoza aponta “que são más, ao contrário, apenas as coisas que impedem que o homem possa aperfeiçoar a razão e fruir a vida racional”. Segundo seu pensamento filosófico, “é cego o desejo que se origina de um afeto que é uma paixão¹⁸⁹”. E, por isso, esclarece-nos que “o desejo que se origina de uma alegria ou tristeza que se refere a uma ou algumas, mas não a todas as partes do corpo, não leva em conta a utilidade do homem todo¹⁹⁰”. Para o autor “padece ao máximo aquela mente cuja maior parte é constituída por ideias inadequadas, de maneira que é discernida mais pelo que ela padece do que pelo que ela faz [age]¹⁹¹”. Acerca dessa questão, podemos demonstrar como exemplo um governo que rege um Estado ou

¹⁸⁶ Dos afetos relacionados à mente e, sobretudo referidos ao desejo, podemos citar a firmeza e a generosidade.

¹⁸⁷ E3 P44 S.

¹⁸⁸ E4 Cap5.

¹⁸⁹ E4 P59 S.

¹⁹⁰ E4 P60.

¹⁹¹ E5 P20 S.



nação através do “pretexto de religião¹⁹²”. Nesse sistema, Spinoza compreende que o interesse maior é propagar um sistema teológico-político de poder autoritário que, conseqüentemente, traz como efeito a servidão, os preconceitos e a impotência humana.

Por isso, ainda que nosso autor concorde com a liberdade religiosa de todos os indivíduos, no entanto, discorda absolutamente da necessidade da religião e, principalmente daqueles que desejam governar um Estado ou nação a “pretexto de religião”. Isso porque, segundo seu pensamento, esse tipo de governo busca permanecer no comando da sociedade e das leis sob um ideal de um deus¹⁹³ transcendente. Para Spinoza, em se tratando do de governo que pode vir a interferir nas leis e nas normas de um Estado ou nação, por exemplo, cabe à razão e ao campo da ética refletir para decidir através de leis o que é melhor para o máximo de pessoas possíveis. Por isso, nosso autor não está de acordo com aquelas religiões que utilizam as superstições para manutenção de um poder opressor. Na verdade, em sua filosofia as ideias e as causas adequadas apresentam-se como algo necessário e fundamental à vida prática e ética dos indivíduos. Pois proporciona um viver e agir ativo. Ora, o viver adequado de acordo com Spinoza é senão viver e agir por virtude.

Segundo seu pensamento filosófico e político é imprescindível que os indivíduos se esforcem para apreender tudo aquilo que é necessário, verdadeiro e útil para uma vida melhor em comunidade. E, que contribua para um viver em sociedade com harmonia, tolerância e respeito. Segundo seu pensamento, “os homens governados pela

¹⁹² Segundo Daniel Silva (2020), “para importante parcela da tradição, o conhecimento da causa primeira e universal, Deus, habilita-nos a conceber as melhores leis civis, considerando a hierarquia ontológica entre elas e as leis naturais que dão o bem. É o exemplo de muitos tomistas, para quem as leis civis estão subordinadas às leis naturais e estas às leis divinas (implicando a racionalidade intrínseca das leis humanas). No TTP, essa diretriz é retomada polemicamente, liberando o terreno para lançar a partir do conhecimento da natureza humana e de sua não rara tendência à servidão um plano de definição imanente à natureza humana e às causas particulares que operam na produção de regras de vida que prescrevemos a nós em função de algum fim (*aliquem finem*)” (Silva, 2020, p. 63). Cf. SILVA, Daniel Santos. **Conflito e resistência na filosofia política de Espinosa**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

¹⁹³ Segundo o filósofo americano Steven Nadler (2013) “o Deus de Espinosa não é um ser transcendente, supranatural. Não é dotado dos aspectos psicológicos ou morais atribuídos a Deus por muitas religiões ocidentais. O Deus de Espinosa não manda, não julga nem faz alianças. Entendimento, vontade, bondade, sabedoria e justiça não fazem parte da essência de Deus. Em outras palavras, na filosofia de Espinosa, Deus não é providencial e espantosa deidade de Abraão. Antes, é a fundamental, eterna, infinita substância da realidade e a causa primeira de todas as coisas. Tudo o mais que existe faz parte (ou é um “modo”) da Natureza” (Nadler, 2013, p. 31). Cf. NADLER, Steven. **Um livro forjado no inferno: o tratado escandaloso de Espinosa e o nascimento da era secular**. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2013.



razão, isto é, os homens que buscam o seu útil sob a condução da razão, nada apetezem para si que não desejem também para os outros e, por isso, são justos, confiáveis e honestos¹⁹⁴”. Por isso, Spinoza aponta que, sobretudo “o homem livre, isto é, que vive só pelo ditame da razão, não é conduzido pelo medo da morte, mas deseja diretamente o bem, isto é, agir, viver e conservar o seu ser a partir do fundamento de buscar o seu próprio útil¹⁹⁵” Portanto, de acordo com seus ensinamentos, quanto mais o homem pode se esforçar (poder-ser). “tanto mais é dotado de virtude”. Ora, de acordo com a demonstração da proposição 20 da Parte IV da *Ética*,

a virtude é a própria potência humana, que é definida pela só essência do homem, isto é, que é definida pelo só esforço pelo qual o homem se esforça para perseverar em seu ser. Portanto, quanto mais cada um se esforça para conservar o seu ser, e pode [fazê-lo] tanto mais é dotado de virtude e, onsequentemente, enquanto alguém negligencia conservar o seu ser, nesta medida é impotente.

Além do mais, de acordo com o autor da *Ética*, sendo a virtude, a “própria potência humana”, podemos desejar segundo a razão. E, além disso, podemos nos esforçar para a manutenção de uma vida mais potente cuja direção seja os ditames da razão. Segundo seus esclarecimentos é possível desejar viver e agir segundo a autonomia da razão. Inclusive, enfatizamos como é importante esse desejo, pois esse desejo envolve o esforço e busca pelo adequado conhecimento de Deus e de si mesmo. Ora, “o esforço pelo qual cada coisa se esforça para perseverar em seu ser não é nada além da essência atual da própria coisa¹⁹⁶”. Ele é sua virtude. Por isso que, conforme cita nosso autor, “o desejo (*cupiditas*), enquanto referido à mente, é a própria essência da mente; mas a essência da mente consiste em um conhecimento que envolve o conhecimento de Deus, sem o qual ele não pode ser nem ser concebido¹⁹⁷”.

Além do mais, Spinoza também observa que, além disso, “os afetos que se originam da razão ou são excitados por ela são mais potentes, se tem em conta o tempo, do que aqueles referidos às coisas singulares que contemplamos como ausentes¹⁹⁸”.

¹⁹⁴ E4 P18 S.

¹⁹⁵ E4 P67 D.

¹⁹⁶ E3 P7.

¹⁹⁷ E4 P37 D.

¹⁹⁸ E5 P7.



Portanto, podemos através da razão desejar¹⁹⁹ ser causa adequada de nossas próprias ações. Por isso, a imprescindibilidade de compreendermos adequadamente, por exemplo, que “o desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada afecção sua qualquer²⁰⁰”. E, que, além disso, ele diz respeito “a todos os esforços da natureza humana que designamos pelos nomes de apetite, vontade, desejo ou ímpeto²⁰¹”. No entanto “o desejo de fazer o bem que é engendrado por vivermos sob a condução da razão” é chamado pelo autor de “Piedade²⁰²”.

Além desse desejo, nosso autor também aponta que “o desejo que toma o homem que vive sob a condução da razão, levando-o a unir-se aos demais por amizade²⁰³” é bem mais forte, por exemplo, ao desejo daqueles “afetos que são contrários à nossa natureza”. Ou seja, as paixões passivas. Inclusive, esse desejo, a pouco mencionado, é compreendido por Spinoza como “Honestidade”. Por isso, a razão é indubitavelmente capaz de determinar ações que corroborem com a constituição de uma sociedade mais potente e ativa. Pois de acordo com Spinoza, porque vivemos e agimos por virtude desejamos ainda mais conservar essa sociedade. Acerca desse assunto, segundo Antonio Negri (2017)²⁰⁴, no o Escólio 1 da proposição 37 da Parte IV, é possível compreender que

o sujeito ao perseguir sua virtude própria e ao compreender que dela gozará tanto mais quanto mais desejá-la também para os outros, vive a tendência objetiva constitutiva do político invertida no ponto de vista da singularidade, tendência do político bem como do absoluto, do político democrático. E aqui, o sujeito assume explicitamente a *pietas* como instrumento da razão ética nessa perspectiva. [...] o agir eticamente segundo a razão, que a *pietas* aqui

¹⁹⁹ Ainda que a filosofia de Spinoza se perpetue através de um “racionalismo absoluto”, para Charles Ramond (2010), “surpreende ver o desejo como a ‘própria essência do homem’. É que Espinosa entende por desejo algo bem diferente do que se entende usualmente por esse termo. [...] o desejo é definido não por diferença, mas por aproximação com a lei geral de comportamento de todas as coisas singulares. [...] o desejo ora aparece como traço comum a todas as coisas singulares, animando o universo da menor à maior delas; ora, ao contrário, partido em tantos tipos e intensidades diferentes quantas sejam as combinações possíveis de sujeitos e objetos do desejo, ou seja, no fundo, às coisas singulares [...]”. (Ramond, 2010, p.32). Cf. RAMOND, Charles. **Vocabulário de Espinosa**. Tradução de Claudio Beliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

²⁰⁰ E3 AD1.

²⁰¹ E3 AD1 Expl.

²⁰² E4 P37 S1.

²⁰³ E4 P37 S1.

²⁰⁴ Cf. NEGRI, Antonio. **Espinosa subversivo e outros textos**. Tradução de Herivelto P. Souza. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.



representa, estende-se então em honestidade, ou seja, no agir humana, benigna e coerentemente consigo mesmo e com os outros. Age-se amando o universal; mas essa universalidade é nome comum de muitos sujeitos; assim, não deseja excluir nenhum sujeito da universalidade, como ocorreria se, ao contrário, se amasse o particular. Além disso, amando a universalidade e constituindo-a como projeto de razão através dos sujeitos, é-se potente. (Negri, 2017, p. 74-75).

O MODELO DE NATUREZA HUMANA

Segundo Spinoza, conceber “o homem na natureza qual um império num império” (*imperium in imperio*)²⁰⁵ é uma ideia ineficaz para os que desejam agir e viver segundo os ditames da razão. Ou seja, agir e viver por virtude. Para tanto, é necessário entender como se constituem os afetos e paixões humanas e quais as verdadeiras causas que nos determinam ao agir por virtude ou à servidão. Conforme nosso autor, “um afeto é uma ideia pela qual a mente afirma de seu corpo uma força de existir maior ou menor do que antes²⁰⁶”. É necessário principalmente compreender quais contribuem para o aumento de nosso poder-ser. Sobretudo, para não padecermos segundo a impotência ou negligência humana. Pois “enquanto alguém negligencia conservar o seu ser, nesta medida é impotente²⁰⁷”. Acerca dessa questão, utilizamos como exemplo, o próprio desejo demonstrado por Spinoza no Prefácio da Parte IV de sua *Ética*, que surge da razão, qual seja seu desejo de “formar uma ideia de homem que observemos como modelo de natureza humana”.

Segundo Spinoza, enquanto as paixões ativas nos aproximam dessa ideia, da mesma forma, as paixões tristes nos distanciam porque nos afastam desse caminho. Por exemplo, quando nosso autor infere que “a alegria é a passagem do homem de uma perfeição menor a uma maior²⁰⁸”, e, contrariamente, “a tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior a uma menor²⁰⁹”, é necessário compreender que enquanto nos afastamos desse “modelo de natureza humana”, proposto em sua *Ética*, nossa perfeição passa para uma perfeição menor. Da mesma forma, enquanto e quanto mais nos aproximamos desse “modelo de natureza”, pois desejamos e, por isso, nos esforçamos,

²⁰⁵ E3 Pref.

²⁰⁶ E4 P14 D.

²⁰⁷ E4 P20 D.

²⁰⁸ E3AD2.

²⁰⁹ E3AD3.



mais compreendemos o que é a verdadeira virtude em sua filosofia. Ou seja, entendemos nosso poder-ser, isto é, compreendemos o viver e agir segundo ideias e causas adequadas.

Por isso a necessidade de demonstramos a grande relevância do Prefácio da parte IV da *Ética* como sendo a forma para compreendermos mais claramente esse “modelo de natureza humana” que, segundo nosso autor, vive e age por virtude. E, porque vive e age de forma ativa e útil, isto é, adequada, é de muita importância para a vida em sociedade. E, embora o vocábulo de perfeição (*perfectio*) seja mantido em sua filosofia. E, da mesma forma, o vocábulo de imperfeição (*imperfectio*). Segundo a definição 6 da Parte II da *Ética*, o pensador esclarece-nos que “realidade e perfeição” são “o mesmo”. Portanto, importa esclarecer que esses vocábulos não estão mais ligados à natureza das coisas. Como bem explica-nos no prefácio da Parte IV da obra magna *Ética*, perfeição e imperfeição agora “são realmente só modos de pensar”. Além disso, o autor também esclarece-nos que os vocábulos de bem e mal serão empregados também de outra forma, “pois não indicam nada de positivo nas coisas consideradas em si mesmas”. Sendo assim, o bem se refere ao “que sabemos certamente ser meio para nos aproximarmos mais e mais do modelo de natureza humana que nos propomos²¹⁰”. E, da mesma forma, entender-se-á “por mal, porém, aquilo que certamente sabemos que nos impede de reproduzir o mesmo modelo²¹¹”. Diante do exposto, conclui-se que o autor traz uma nova roupagem²¹² a esses vocábulos para ressaltar que “os homens são mais perfeitos ou mais imperfeitos enquanto aproximam-se mais ou menos desse modelo²¹³” de “natureza humana”.

²¹⁰ E4 Pref.

²¹¹ E4 Pref.

²¹² Para o filósofo francês, Gilles Deleuze (2002), a *Ética* é “uma tipologia dos modos de existência imanentes, substitui a moral, a qual relaciona sempre a existência e valores transcendentos. A moral é o julgamento de Deus, o sistema de julgamento. Mas a *Ética* desarticula o sistema do julgamento. A oposição dos valores (Bem e Mal) é substituída pela diferença qualitativa dos modos de existência (bom/mau). A ilusão dos valores se confunde com a ilusão da consciência: porque a consciência é essencialmente ignorante, porque ignora a ordem das coisas e das leis, das relações e de suas composições, porque se contenta em esperar e recolher o efeito desconhece toda a Natureza” (Deleuze, 2002, p. 29). Cf. DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. Revisão técnica de Eduardo D. B. de Menezes. São Paulo: Escuta, 2002.

²¹³ Em suma, no prefácio da Parte IV da *Ética* o pensador holandês esclarece-nos que “[...] por mais que seja assim, cumpre conservar esses vocábulos. Pois, porque desejamos formar uma ideia de homem que observemos como modelo da natureza humana, nos será útil reter esses mesmos vocábulos no sentido em



Além do mais, os vocábulos bem e mal agora serão os meios para nos afastarmos ou nos aproximarmos “mais ou menos desse modelo”. Sendo assim, Spinoza aponta que se por livre necessidade nos determinamos a passar de uma perfeição à outra, uma vez que compreendemos como podemos moderar nossos afetos, logo, saberemos também o quanto podemos agir e viver por virtude. Isso porque, compreendemos que somos causa adequada. Ora, segundo o autor, “o afeto para com uma coisa que imaginamos como necessária é mais intenso (sendo iguais as outras condições) do que para com uma coisa possível ou contingente, ou seja, não necessária²¹⁴”. No entanto, é preciso salientar que, fundamentalmente, “o conhecimento verdadeiro do bem e do mal, enquanto verdadeiro, não pode coibir nenhum afeto. Mas enquanto é afeto, se for mais forte do que o afeto a coibir, apenas nesta medida, poderá coibi-lo²¹⁵” Eis o movimento ético e contínuo e, sobretudo, não normativo do peculiar sistema filosófico de Benedictus de Spinoza. Por isso, a necessidade de conhecer a simultaneidade entre a mente e o corpo e, sobretudo compreender como os afetos, podem passar de afetos passivos a afetos ativos. Dessa forma, é possível moderá-los.

Acerca da complexidade desse assunto, segundo o pensamento de Antonio Damásio (2004)²¹⁶, “munido de uma concepção nova da natureza humana, Espinosa estabeleceu um nexos entre as noções de bem e mal, de liberdade e salvação, por um lado, e os afetos e a regulação da vida, por outro” (Damásio, 2004, p. 17). Inclusive, conforme enfatiza Damásio, na filosofia de Spinoza, é sugerido também esclarecer que “as normas que governam a nossa conduta pessoal e social devem ser construídas a partir de um conhecimento profundo da humanidade, um conhecimento que faz contato com o Deus ou Natureza que existe *dentro* de cada um de nós²¹⁷”. Portanto, esse conhecimento é um sentir-conhecer. É um poder-ser para a vida e não para a morte. Vida que é afeto de conhecer e compreender a vida. Acerca disso, segundo Marilena

que disse. [...] Ademais, diremos que os homens são mais perfeitos ou imperfeitos enquanto aproximam-se mais ou menos desse modelo. [...]”.

²¹⁴ E4 P11.

²¹⁵ E4 P14 D.

²¹⁶ Cf. DAMÁSIO, Antonio. **Em busca de Spinoza**: prazer e dor na ciência dos sentimentos. Tradução de Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

²¹⁷ Cf. DAMÁSIO, 2004, p. 17.



Chauí (2011)²¹⁸, “porque nada deve à imagem do livre-arbítrio bem conduzido pela razão, evidencia que a figura do modelo de natureza humana ou o *exemplar humana e natura* não é um *télos* normativo” (Chauí, 2011, p. 237, grifos do autor).

Portanto, é a razão a pedra singular para o entendimento humano do viver e agir por virtude. Entretanto, o desejo de compreender adequadamente os afetos, isto é, o desejo de viver e agir por virtude também faz parte das máximas da filosofia e ética de Spinoza. Pois, conforme cita, “ninguém pode desejar ser feliz, agir bem e viver bem se, simultaneamente, não desejar ser, agir e viver, isto é, existir em ato²¹⁹”. Ora, esse desejar ser feliz, agir bem, existir e viver bem em ato é, sobretudo, o desejar simultâneo de conhecer e entender o que nos leva ao verdadeiro conhecimento de Deus, de suas leis eternas e imutáveis e de nós mesmos. Por isso, é de suma importância salientar que Spinoza nos explica em sua *Ética* que “o desejo que se origina da razão”, em momento algum é triste ou mesmo tem excesso²²⁰. A seguir, observaremos algumas questões acerca do desejo de viver e agir por virtude em Spinoza.

SOBRE O DESEJO DE VIVER E AGIR POR VIRTUDE

As críticas que Spinoza tece contra aqueles que denunciavam os afetos como apenas vícios estremecem fortemente os alicerces daqueles que governaram sob o “pretexto da religião”. Por isso que, em meio à construção de sua obra magna, *Ética*, consideramos ser de grande relevância as reverberações e esclarecimentos em seu *Tratado teológico-político*²²¹ como sendo uma demonstração de seu revolucionário pensamento. Nosso autor, indubitavelmente, constrói uma obra²²² cujo “método

²¹⁸ Cf. CHAUI, Marilena de Souza. **Desejo, paixão e ação na ética de Spinoza**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

²¹⁹ E4 P21.

²²⁰ É interessante notar que, por exemplo, a Hilaridade, citada na demonstração da proposição 40 da Parte IV da *Ética* de Spinoza “é a alegria que, enquanto se refere ao corpo, consiste em que todas as partes do corpo são igualmente afetadas; isto é, em que a potência de agir do corpo é aumentada ou favorecida de tal maneira que todas as suas partes obtenham entre si a mesma proporção de movimento e repouso; e por isso, a Hilaridade é sempre boa e não pode ter excesso. [...]”.

²²¹ Cf. SPINOZA, Benedictus de. **Tratado teológico-político**. Tradução de Diogo Pires Aurélio. Lisboa: Casa da Moeda. Editora: INCM, 2004.

²²² Por exemplo, como bem demonstra-nos Léon Brunschvicg (2014), “o *Tratado teológico-político* não é uma simples introdução à *Ética*; ele a contém integralmente; trata de uma liberdade que, embora ainda exterior, circunscreve e já define a liberdade interior, que é a realização do progresso moral. A liberdade



histórico crítico²²³” nos ajuda a compreender por que o autor chamará posteriormente sua *Ética de Mea Philosophia*. Nela, Spinoza demonstrar-nos-á apoditicamente a utilidade da potência de nossa mente e que através do entendimento das verdadeiras causas das coisas é possível construir um modo de ser, cujo ser humano (modo singular finito em seu gênero), é potência de ser, isto é, é potência de agir e viver por virtude. Essa potência é o seu poder-ser²²⁴. Ora, na proposição 24 da Parte 4 da *Ética*²²⁵ nosso autor esclarece-nos que, “agir absolutamente por virtude nada outro é em nós que agir, viver e conservar o seu ser (os três significam o mesmo) sob a condução da razão, e isso pelo fundamento de buscar o próprio útil”.

Conforme podemos observar, o que há de especial nesse esclarecimento é que a virtude verdadeiramente não se ordenará mais através de um dever-ser, isto é, de através de regras morais estabelecidas por leis transcendentais ou mesmo deontológicas. Agora, o homem, através do conhecimento e compreensão de sua virtude mesma, a saber, a virtude engendrada sobre os critérios da razão e do desejo de entender adequadamente as verdadeiras causas das coisas, agora compreende que pode se esforçar e agir segundo sua própria essência e virtude. Dessa forma, o indivíduo pode autodeterminar-se sem o medo dos castigos eternos. E, porque deseja conhecer e compreender Deus e as leis de

absoluta, que Espinosa apresenta como essencial ao pensamento e característica dele, tem uma consequência imediata: o espírito só pode se colocar diante do espírito. Entre ele e algo diferente dele não pode haver contato ou medida comum, nenhum tipo de relação. A verdade não pode ser exterior ao espírito, já que o espírito não pode sair de si para justificá-la como verdade. Não há como estabelecer uma regra que se impunha ao pensamento a partir de fora e o conduza à verdade. O espírito [mente] não tem de procurar o meio de encontrar, ele começa encontrando; cabe a ele conhecer, e o que conhece, porque o conhece é verdade. [...]” (Brunschvicg, 2014, p. 149). Cf. BRUNSCHVICG, Léon. Spinoza: Filosofia e Teologia. In: BENJAMIN, C (org.). *Estudos sobre Spinoza*. 2014, p. 131-290.

²²³ “Decidi seriamente empreender um novo e livre exame da Escritura, não afirmando nem admitindo como sua doutrina nada que dela não ressalte com toda clareza. [...]”. Cf. TTP/Pref.

²²⁴ “Spinoza nos dispõe assim a uma destinação ainda inédita de um poder-ser da singularidade relativa à potência, não a um ser-para-a-morte, como sugeriram as análises de Heidegger” (Rizk, 2010, p. 217).

²²⁵ Para Demétrio Neri (2004), a *Ética* de Spinoza faz duas importantes críticas, a saber, a crítica ao teleologismo, isto é, a atribuição de um fim que remonta desde os tempos “de Aristóteles segundo a qual a natureza se orienta de um fim”. [...] e uma análise das paixões humanas. [...] segundo Espinosa, as paixões são componentes essenciais da natureza humana, e são até a própria essência do homem; por isso mesmo sua dinâmica deve ser estudada com o mesmo método com o qual estudamos a geometria ou a mecânica. Não adianta nada limitar-nos a detestá-la ou a desprezá-la como se fosse um vício da natureza ou um obstáculo à vida moral. Mas é necessário conhecer em profundidade sua força de tal modo que as possamos dominar (jamais eliminar) em vista da auto realização humana. [...]” (Neri, 2004, p. 162-163). Cf. NERI, Demétrio. **Filosofia moral: manual introdutivo**. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2004.



sua Natureza eterna, absolutamente livre e imutável, agora, na proporção em que compreende cada vez mais as verdadeiras causas das coisas vive em liberdade. E, quanto mais pode, mais deseja conhecer e compreender Deus. Eis o poder-ser em sua *Ética*. E, ainda que as forças exteriores sejam mais potentes que a potência humana, o indivíduo em sua singularidade, isto é, em seu modo de ser (essência ou realidade), age segundo a natureza de sua potência e virtude à medida que compreende que as leis de sua natureza se aperfeiçoam através da razão.

Dessa forma, é possível compreender que embora na demonstração da proposição 60 da Parte 4 da *Ética* nosso autor enfatize que “o desejo, absolutamente considerado é a própria essência do homem enquanto concebida determinada a fazer [agir] algo de alguma maneira”. No entanto, o desejo que é compreendido segundo o entendimento claro e distinto das coisas é aquele que “se origina da razão, isto é, que é engendrado em nós enquanto agimos²²⁶”. Esse desejo “é a própria essência ou natureza do homem enquanto concebida determinada a fazer o que é concebido adequadamente pela só essência do homem²²⁷”. Diante do exposto, surge-nos a seguinte questão: é possível desejar viver e agir por virtude? Ora, em Spinoza, como bem demonstra-nos Chaui²²⁸, “a virtude não é fechamento, mas abertura no mundo, pois há, fora de nós, coisas que nos são úteis” (Chaui, 2016, p. 424). Ora, isso ocorre porque essas ações seguem pela razão e por isso somos “virtuosos nas relações com os outros²²⁹”.

Conforme o autor da *Ética* é necessário entender que a alegria realmente “é má apenas enquanto impede que o homem seja apto a agir, e, assim, também a partir dela não podemos ser determinados a nenhuma ação que não poderíamos fazer conduzidos pela razão²³⁰”. Por isso que Spinoza não nos apresenta uma falsa alegria. E, também por isso, seu projeto filosófico é audacioso. Nele, é possível refletir acerca de um “processo liberador” de alegria e esforço contínuo para perseverar no existir através de um poder-

²²⁶ E4 P60 D.

²²⁷ E4 P60 D.

²²⁸ Cf. CHAUI, Marilena de Souza. **A Nervura do Real II-** Imanência e liberdade em Espinosa. v. 2 (Liberdade). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

²²⁹ CHAUI, ref.56, p. 425.

²³⁰ E4 P59 D.



ser, sobretudo, agindo e vivendo por virtude²³¹. Mas, como isso é possível? Ora, de acordo com seu pensamento filosófico, quando somos causa adequada é plenamente possível passar de uma perfeição menor para uma perfeição maior. Entender nosso poder-ser ou potência de agir é viver porque somos causa adequada. É também perseverar no ser e existir com autonomia.

Portanto, nossas ações só se engendram adequadamente quando somos conduzidos pela razão. Por exemplo, de acordo com seu pensamento, “os desejos que nos tomam ao máximo levam em conta apenas o presente, e não o futuro”, por exemplo, “não levam em conta a nossa saúde integral²³²”. Ora, esse desejo surge de nossas paixões passivas. Sendo assim, para transcender essa problemática o desejo precisará ser proporcional a todas as partes do corpo, pois enquanto, por exemplo, uma parte é afetada, simultaneamente, a mente também o é. Dessa forma, de acordo com Spinoza, corpo e mente se esforçarão para “conservar aquele estado”. Ora, conforme explicitado, “o desejo originado de tal afeto de alegria não leva em conta o todo”. Nesse sentido, a alegria é má. Acerca dessa questão, segundo Chantal Jaquet (2011)²³³, “na *Ética*, o apetite pode ser racional ou passional, segundo ele seja determinado por uma causa adequada ou inadequada. Ela envolve então todos os esforços, qualquer que seja a natureza” (Jaquet, 2011, p. 93). Ainda, segundo a pensadora spinozana, “a *Ética* rompe com uma tal concepção dual da natureza humana e dissipa todo traço de clivagem, promovendo uma razão apetitiva e um apetite racional” (Jaquet, 2011, p. 92-93). Por isso, a necessidade de entender que, na filosofia de Spinoza, “um afeto está tanto mais em nosso poder, e a mente tanto menos dele padece, quanto mais ele nos é conhecido²³⁴”.

²³¹ “Spinoza é uma extraordinária e fascinante figura de filósofo. Sua filosofia está embebida de uma profunda religiosidade de aspectos tão originais e tão pouco ortodoxos que lhe valeram a expulsão da religião Hebraica na qual tinha sido educado e a hostilidade por partes dos expoentes das demais religiões. Foi até mesmo taxado de ateu; mas, como ninguém ousava pôr em dúvida sua integridade moral pessoal, era um ‘ateu virtuoso’, o que naquele tempo significava uma contradição nos termos, uma vez que por definição, um ateu não podia ser virtuoso” (Neri, 2004, p. 162).

²³² E4 P60 S.

²³³ Cf. JAQUET, Chantal. **A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa**. Tradução de Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção Filo/Espinosa).

²³⁴ E5 P3 C.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Spinoza apresenta-nos em sua *Ética*, é porque compreendemos adequadamente esse desejo que desejamos através da razão. Diante do exposto, podemos compreender que é possível construir uma sociedade mais alegre, potente e humanamente mais feliz. Ou seja, podemos viver e agir por virtude. Por isso, a grande importância e necessidade de cuidarmos, por exemplo, de “falar amplamente da virtude ou potência humanas e da maneira como pode ser aperfeiçoada²³⁵”. Pois, estando os homens “movidos pelo só afeto da alegria”, por exemplo, e não pelos afetos “do medo ou aversão, se esforcem, o quanto está em suas forças, para viver de acordo com a prescrição da razão²³⁶”. Nesse sentido, inclusive, “a modéstia, isto é, o desejo que é determinado pela razão, se refere à piedade. Porém, se origina do afeto, é ambição²³⁷”.

É possível observar também que nosso autor apresenta-nos de uma forma peculiar a importância dos afetos. E isso nos faz observar que os afetos, quando adequadamente compreendidos, são mais úteis que aqueles afetos advindos de ideias e causas inadequadas²³⁸. Por isso, a imensurável importância de conhecê-los e compreendê-los de forma clara e distinta. Ora, conforme o autor, “todos os apetites²³⁹ ou desejos²⁴⁰ são paixões apenas enquanto se originam de ideias inadequadas; ao passo que os mesmos são associados à virtude quando excitados ou gerados por ideias adequadas²⁴¹”. E, quando “excitados ou gerados” segundo os ditames da razão e das ideias adequadas, tornam-se úteis à preservação da vida de todos os indivíduos²⁴². Ora,

²³⁵ E4 Cap25.

²³⁶ E4 Cap25.

²³⁷ E4 Cap25.

²³⁸ Segundo Spinoza, as paixões e afetos passivos advêm de ideias e causas inadequadas.

²³⁹ Nosso autor esclarece-nos no escólio da proposição 4 da Parte V de sua *Ética* “ter sido disposto pela natureza humana que cada um apetece que os outros vivam conforme seu engenho; este apetite, no homem não conduzido pela razão, decerto é uma paixão que se chama Ambição e não discrepa muito da soberba, e, ao contrário, no homem que vive pelo ditame da razão, é uma ação ou virtude”.

²⁴⁰ Spinoza demonstra-nos, ainda, no escólio da proposição 4 da Parte V da *Ética* que, “com efeito, todos os desejos pelos quais somos determinados a agir podem originar-se tanto de ideias adequadas quanto de inadequadas”.

²⁴¹ E2 P14.

²⁴² No escólio da proposição 20 da Parte V da *Ética* nosso autor cita que “a potência da mente é definida pelo só conhecimento, ao passo que a impotência ou paixão é estimada pela só privação de conhecimento, isto é, por meio daquilo que as ideias são ditas inadequadas; donde segue que padece ao máximo aquela mente cuja maior parte é constituída por ideias inadequadas, [...]”.



como bem observa Vittorio Morfino²⁴³, “as paixões são para Spinoza, pois, relações constitutivas dos indivíduos, de seu imaginário e de suas práticas sociais” (Morfino, 2021, p. 92). No entanto, a virtude se dá sobre a ética das ideias e ações adequadas de nosso poder-ser²⁴⁴, isto é, do esforço de conhecer as causas pelas “causas primeiras”.

O presente estudo filosófico sistemático obteve como eixo central de discussão a obra maior de Spinoza, *Ética*, e, também algumas ideias de seus comentadores. Dessa forma, tornou-se possível compreender que “a mente humana é apta a perceber muitíssimas coisas, e é tão mais apta quanto mais pode ser disposto o seu corpo de muitas maneiras”. Pois segundo o autor a potência da mente ou do intelecto, consiste em “pensar e formar ideias adequadas²⁴⁵”. Ora, segundo a proposição 4 da Parte V da *Ética* “não há nenhuma afecção do corpo de que não possamos formar um conceito claro e distinto”. Diante do exposto, conclui-se que seu pensamento filosófico nos traz um singular conceito de virtude que pode ser relevantemente útil para a atual contemporaneidade, pois além de apresentar as potencialidades do corpo e da mente, assim como do desejar e poder-ser ativo, também, nos traz preciosas reflexões acerca do viver e agir por virtude. E, esse viver em liberdade, não a partir de um dever ser, mas por livre necessidade tem como causa Deus. No entanto, esse Deus não castiga os homens, mas produz em nós parte de sua essência e potência. Em Spinoza agimos por virtude porque nossa natureza aperfeiçoada compreende a Natureza de Deus, isto é, suas Leis eternas e imutáveis, e, porque compreende, deseja através de ideias e causas adequadas viver em harmonia com os demais.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, César. Spinoza: um santo excomungado. *In*: BENJAMIN, César (org.). **Estudos sobre Spinoza**. Tradução de Eliana Aguiar, Estela dos Santos Abreu e Vera Ribeiro. 1. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

²⁴³ Cf. MORFINO, Vittorio. **A ciência das conexões singulares**. Tradução de Diego Lanciote. São Paulo: Contracorrente, 2021.

²⁴⁴ “A inteligência de toda a teoria e spinozista da virtude desemboca no tema da força de ser. É, antes de tudo, a experiência do corpo com o esforço seletivo e desejo racional que torna o espírito [mente] apto a conhecer a necessidade infinita. Quando o espírito [mente] conhece a necessidade infinita, pode conhecer também, no atributo pensamento de Deus, sua própria essência” (Rizk, 2010, p. 215).

²⁴⁵ E5 P4 S.



BRUNSCHVICG, Léon. Spinoza: Filosofia e Teologia. *In*: BENJAMIN, C (org.). **Estudos sobre Spinoza**. 2014, p. 131-290.

CÍCERO. M. T. **Da amizade**. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo. Martins Fontes. 2001.

CHAUI, Marilena de Souza. **A Nervura do Real II- Imanência e liberdade em Espinosa**. v. 2 (Liberdade). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CHAUI, Marilena de Souza. **Desejo, paixão e ação na ética de Spinoza**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

SILVA, Daniel Santos. **Conflito e resistência na filosofia política de Espinosa**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

DAMÁSIO, Antonio. **Em busca de Spinoza: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. Tradução de Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. Revisão técnica de Eduardo D. B. de Menezes. São Paulo: Escuta, 2002.

JAQUET, Chantal. **A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa**. Tradução de Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção Filo/Espinosa).

NADLER, Steven. **Um livro forjado no inferno: o tratado escandaloso de Espinosa e o nascimento da era secular**. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

NEGRI, Antonio. **Espinosa subversivo e outros textos**. Tradução de Herivelto P. Souza. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NERI, Demetrio. **Filosofia moral: manual introdutivo**. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MORFINO, Vittorio. **A ciência das conexões singulares**. Tradução de Diego Lanciote. São Paulo: Contracorrente, 2021.

RAMOND, Charles. **Vocabulário de Espinosa**. Tradução de Claudio Beliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RIZK, Hadi. **Compreender Spinoza**. Tradução de Jaime A. Clausen. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

SPINOZA, Benedictus de. **Ethica/Ética**. Edição bilíngue Latim-Português. Tradução do Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação de Marilena Chaui. São Paulo: EDUSP, 2015.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado teológico-político**. Tradução de Diogo Pires Aurélio. Lisboa: Casa da Moeda. Editora: INCM, 2004.



SPINOZA, Baruch de. **Tratado teológico-político**. Tradução de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SPONVILLE, André Comte. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2016.